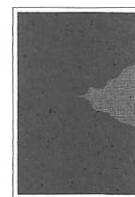


Como e Por Que a Criatividade é Universal



A parábola do capítulo anterior, usando o caminho da fantasia, propõe uma reflexão sobre a diferença específica que existe entre o raciocínio do homem e qualquer outro tipo de atividade similar a esse raciocínio encontrada nos demais seres vivos de nosso planeta.

Podemos analisar o assunto partindo do "raciocínio associativo" de animais, como o cachorro de Pavlov, ou da "reação associativa" de plantas, principalmente das chamadas sensitivas. Verificaremos que as ações provocadas por associações sempre se processam pelo aproveitamento de experiências anteriores e se constituem em um tipo de reação a estímulos. Já o homem soma a esse tipo de raciocínio associativo sua capacidade de "ir além", construindo hipóteses, conjecturando, sonhando, enfim. Experiências anteriores são, portanto, processadas por nós de forma definitivamente única. Podemos afirmar que a espécie humana tem capacidade inata e exclusiva de raciocinar construtivamente. Essa capacidade produz o que tranquilamente pode ser chamado de criatividade.

Quando digo capacidade inata, falo do potencial que nos é próprio. Daí a afirmação de que nós todos somos criativos, o que só pode ser contestado em termos de grau. Também se chega a essa convicção pelo fato aceito de que "todas as crianças são criativas", e que seu potencial inato vai depois sendo bloqueado no processo de socialização. Verdade que há diferenças: assim como

nascem pessoas mais altas e mais baixas, também há gente com maior ou menor capacidade criativa.

A capacidade de cada um é utilizada e desenvolvida em função do meio, de seus estímulos, das limitações que apresenta e dos bloqueios que impõe. Há muitas limitações, às vezes enormes. Por isso, costumo defender, para os que estão entrando no assunto, que, seja qual for o potencial próprio da pessoa, o simples rompimento dos bloqueios ou a prática pela tentativa, que tende a desenvolver a capacidade, já serão suficientes para que o comportamento criativo se destaque da média.

Bem, agora assim colocada a questão da universalidade da capacidade criativa, podemos partir para a análise de como esta se manifesta. O que queremos dizer realmente, quando falamos "criatividade"? Qual a definição, o modelo, o padrão?

Definições pessoais de criatividade

A abordagem prática do tema criatividade, neste livro, poderia passar ao largo das definições, mas correria o risco de colidir com expectativas criadas pela adoção mental de uma ou outra definição, na cabeça de alguns leitores.

Todos nós, para uso próprio, guardamos algo parecido com uma definição de criatividade. ~~A maioria de nós, entretanto, não se comprometeria com um enunciado exato e definitivo, porque o assunto é amplo e um pouco escorregadio, gerador de perguntas como: Inteligência inclui criatividade? Criatividade é um dom? É produto de *insights*? De neuroses? Há vários tipos e níveis?~~

~~Vê-se, portanto, que uma só definição teria de abranger muitas facetas do tema. Mas acho impossível existir um enunciado que contemple todos os aspectos e satisfaça a todas as pessoas.~~ Enfrentando esse problema, ao precisar fornecer uma base conceitual, no início de cursos e *workshops*, e até mesmo em palestras, criei a seguinte solução: cada pessoa pode formular sua própria definição, a partir de exemplos discutidos. É o que faremos aqui.

Antes dos exemplos, algumas considerações.

Manifestações de criatividade

"Ao criar, a pessoa encontra seu eu, seu mundo, seu Deus."
Erich Fromm

Não é difícil concordarmos com Erich Fromm, mas, refletindo sobre esse bom encontro, sempre guardamos uma tendência de julgá-lo, enquanto ato de criar, uma quase exclusividade do campo das artes. O que é natural, pois os artistas têm a base de sua atuação na criatividade.

Entretanto, a vertente da expressão e da comunicação, em que se pode encontrar desde Da Vinci até Gilberto Gil, é apenas a mais evidente (e talvez a mais charmosa) face da criatividade - qualidade que não é somente própria do homem, mas também muito mais inerente a ele do que se costuma pensar, o que é exaustivamente defendido neste livro. Criatividade vai muito além das artes.

Focalizaremos aqui, portanto, a criatividade em outros setores, mais presos ao dia a dia, porém tão importantes, como o das artes, principalmente no que toca à frase de Erich Fromm: a realização pessoal.

Dona Maria e Niemeyer criando

Muitos autores dividem atos criativos em níveis de relevância, classificando-os de acordo com sua interferência no contexto. Certo, a receita original de um prato, criada pela mulher que precisava aproveitar sobras, não pode ser colocada no mesmo plano de um projeto arquitetônico premiado. Ou pode? Ambos não são atos criativos, produtos da ruptura das normas, eclodidores de uma nova realidade? A dona de casa e o arquiteto não tiveram o mesmo tipo de satisfação pessoal, só que em intensidades diferentes? Talvez.

Sem esquecermos isso, vamos focalizar **criatividade utilizada na solução de problemas e na descoberta de oportunidades**, conscientes da importância dessa abordagem, já que esses são os campos

O comportamento criativo facilita a vida, a partir do cotidiano. Improvisar um novo prato usando sobras é um ato de criatividade.

da sobrevivência e do desenvolvimento do homem. A partir do domínio criativo do fogo, ele se impôs aos animais mais fortes, solucionando um de seus primeiros problemas. Mais tarde, com a invenção/descoberta da roda, acionou o progresso, descobrindo as oportunidades geradas pela ausência de atrito. Apenas para efeito de facilitar a comunicação, batizamos essa vertente de "criatividade aplicada". Como poderia ser criatividade prática, ou objetiva, ou não artística etc.

Vamos começar lembrando memoráveis "sacadas criativas" nesse campo, digamos assim, profissional.

Exemplos exemplares

Primeiro exemplo: a cidade de Barcelona, diante do problema de alojar 20 mil atletas, nas olimpíadas de 92, construiu um conjunto de apartamentos, em uma área recuperada da deterioração urbana; os apartamentos foram vendidos com financiamento privilegiado para habitantes locais (resolvendo um problema de déficit residencial), mas com a condição de serem entregues após terem sido utilizados como alojamentos do evento esportivo.

Segundo exemplo: os fabricantes de creme dental Colgate haviam recebido uma máquina automática que processava todos os insumos e soltava o produto pronto, tampado, embalado, em uma seqüência veloz, que seria maravilhosa não houvesse um pequeno e renitente defeito oculto: de vez em quando saía um tubo prontinho, mas cheio só de ar. Após um sem-número de tentativas infrutíferas de conserto, a solução veio de um palpite dado quase casualmente por um dos trabalhadores que assistiam aos esforços dos técnicos. "Por que vocês não colocam aí na saída um ventilador que sopra para fora os tubos vazios?"

Terceiro exemplo: a Ikeda era uma fabricante de implementos agrícolas, a braços com uma das periódicas crises do setor. Ao mesmo tempo em que apresentava considerável capacidade ociosa, percebeu que os operários estavam aproveitando o tempo vago e os restos de materiais disponíveis para fazer pequenas churrasqueiras de uso próprio. Em lugar de adotar soluções normais, enxugando quadros, recolhendo as sobras ou simplesmente proibindo a prática, a Ikeda abriu uma nova linha de produtos, passando a fabricar e vender churrasqueiras - atividade que logo se tornou tão ou mais importante que a anterior.

Os três casos mostram criatividade aplicada, fora da vertente das artes. A fabricação de churrasqueiras, mais que resolver problemas, representa uma autêntica descoberta de oportunidade. O caso do ventilador é uma típica solução de problema e, finalmente, o exemplo de Barcelona é uma soma de solução de problema com a descoberta de oportunidade. Vemos aí campos de aplicação da criatividade que são estimulantes e que se estendem aos mais diversos setores de atividade, independente de propósitos específicos de expressão ou comunicação - não precisamos ser artistas para nos beneficiarmos de uma *performance* criativa.

Desenvolvimento do comportamento criativo

Ao lado daquelas constantes observações de alunos e participantes de grupos, em começo de cursos e *workshops*, do tipo "eu não sou criativo", noto também uma restrição, na maioria das vezes muda, quanto à possibilidade de aproveitar as informações para o desenvolvimento de sua criatividade. Há pouco crédito quanto aos resultados do investimento (tempo e dinheiro) de frequentar um evento que promete mais criatividade para si.

Pessimismo normal? Ou a falta de fé se baseia em experiências anteriores? Descobri que o "pé pra trás" se explica, em grande número de casos, pela anterior leitura, infrutífera, de um livro ou artigo do tipo "como fazer" ou de algum vídeo de treinamento sobre o tema. Relatos pessoais me mostraram uma situação bem comum: a pessoa se arma de esperanças ao iniciar a leitura, não se decepciona com o conteúdo ("era tudo tão bacana"), mas, ao terminar, não consegue pôr em prática o que pensou ter aprendido, alvo pequenas exceções relativas a alguns dias ou a algumas circunstâncias.

Certo, constata-se que há bons e maus conjuntos de informações. Há livros melhores e piores, há o perigo das traduções infielis e, quanto a cursos, há também, além dos problemas advindos de circunstâncias, o perigo da falta de sintonia entre as expectativas (e bases de conhecimento) do aluno e a natureza do curso. Contudo, não obstante a existência de todas essas variáveis, o problema da decepção geralmente vem de outro lado: sempre há expectativa de mudança própria, como produto das informações recebidas.

Mas a criatividade pessoal não eclode com o conhecimento de recursos e receitas, que é o que traz a maioria dos conjuntos de informações. O exercício do potencial de criatividade liga-se à psicologia do indivíduo, como o comportamento se liga à personalidade. Adianta pouco adotar novas práticas, se elas se constituem tão somente em "estruturas". Eu frisei *tão somente* porque as estruturas podem ser muito úteis, se forem aplicadas pela pessoa também engajada em um processo de desenvolvimento de seu comportamento criativo. Aqui chegamos ao "X" da questão: não tenho conhecimento de qualquer técnica (nem acredito que exista) que possa tornar a pessoa "mais criativa".

Características do comportamento criativo

O comportamento criativo é produto de uma visão de vida, de um estado permanente de espírito, de uma verdadeira opção pessoal quanto a desempenhar um papel no mundo. Essa base mobiliza no indivíduo seu potencial imaginativo e desenvolve suas competências *além da média*, nos campos dependentes da criatividade.

Quando digo "além da média", estou lembrando o princípio, já defendido aqui, de que criatividade é uma característica de nossa espécie. Como tal, ela está presente em nosso comportamento normal, em um nível às vezes até imperceptível para a maioria. Há cientistas que defendem ser a própria linguagem oral do homem um exercício de criatividade, porque ela tem um mecanismo de "improviso", e este só se viabiliza pela habilidade criadora. Portanto, o que chamamos de comportamento criativo é uma forma de exercer o potencial imaginativo em um nível que, por estar acima da média, se torna evidente.

A questão do engajamento pessoal

Voltando ao fio da meada, toda a minha experiência no campo da criatividade aplicada, somada às pesquisas no campo acadêmico, traz-me a convicção de que o processo descrito como um engajamento total para o exercício da criatividade às vezes de-

pende de determinação (ato volitivo), outras vezes é inato e ainda outras é produto das circunstâncias, pois estas sempre podem "empurrar" a pessoa para um destino específico.

O engajamento pela determinação pode ser exemplificado pela pessoa que descobre de alguma forma o prazer do ato de inovar, com um gratificante sentimento de estar interferindo no mundo, e assim passa a procurar melhor qualificação no campo da criatividade. Pesquisa, lê, faz cursos e, o que é mais importante do qualquer outra coisa, tenta, tenta, tenta. Não desanimando com insucessos ou erros, acaba rompendo seus bloqueios e otimizando seu potencial. Adquire, por vontade própria, a capacidade de criar como um ato normal de exercício de sua personalidade.

O engajamento inato é mais raro e caracteriza-se pela tendência compulsiva de questionar, mudar, inventar novas maneiras de fazer as coisas. Aparece desde a infância, período em que todos somos naturalmente mais criativos por termos poucos condicionamentos ou mesmo nenhum. Se o mundo não consegue reprimir esse indivíduo, ele passará a vida, tentando realizar-se via criatividade. Como o sistema é implacável e sólido, poucos conseguem grande sucesso como um Thomas Edison. Mas seguem compulsivamente sua tendência inata.

Já o engajamento resultante de circunstâncias é de longe o mais interessante para ser analisado, por revelar que o chamado homem comum pode tornar-se o homem criativo. Quem acompanha o desempenho do pessoal em empresas está cansado de ver exemplos assim: um "apagado" ou "comportado" funcionário, de repente, ao ser colocado em uma função que o motiva, e que exige de si o máximo, transforma-se em pessoa dinâmica e criativa. Algumas vezes a transferência é planejada para queimar de vez alguém não produtivo, e revela que a pessoa apenas estava no lugar errado. Estudantes apáticos muitas vezes se tornam brilhantes, ao mudar de escola. Filhos ganham iniciativa ao sair de casa, cônjuges mudam de personalidade ao ficarem sós, equipes inteiras se transformam ao mudar de líder.

Pessoa criativa, pessoa comum

No campo específico da criatividade, os estímulos do meio são decisivos para criar o aqui chamado engajamento total. E, quando este acontece, vem confirmar aquele princípio, hoje já

Criatividade é característica da espécie humana: *"O homem criativo não é o homem comum ao qual se acrescentou algo; o homem criativo é o homem comum do qual nada se tirou."*
Abraham Maslow

bem aceito pela ciência, defendido na década de 60 por Abraham Maslow, um dos pais da psicologia humanista: *"O homem criativo não é o homem comum ao qual se acrescentou algo; o homem criativo é o homem comum do qual nada se tirou."*

Comparando-se dois tipos de engajamento, no caso este último, produto das circunstâncias, com o inato, que se caracteriza principalmente pela compulsividade, descobrimos coisas interessantes. O indivíduo que nasce com o comportamento criativo como que fazendo parte de sua personalidade tem uma postura de "viciado pelo novo" diante do mundo. Claro que o exercício de sua compulsão inclui o prazer, mas este sequer é procurado como um fim. Ao acabar cada tarefa de criação, a pes-

soa relaxa com a sensação de dever cumprido, perante si própria. Quando não tem obrigações de criar, ele descobre desafios no cotidiano, imaginando modificações em tudo, ou até mesmo fica "treinando", como no caso de um diretor de arte meu conhecido, que começa a criar *layouts* em guardanapos de papel, já na segunda semana de férias.

Com o indivíduo que as circunstâncias tornaram criativo acontece algo diferente: ele passa a deslumbrar-se com o prazer que advém de sua criatividade e torna-se também um fã dessa condição, nova para si, adquirindo o "vício" não pela via compulsiva, mas pelo caminho hedonístico. Busca o prazer de criar, pelo prazer da conquista do "novo". *Descobre, sem analisar por que, que o novo é irmão do diferente e que o diferente, quando relevante, é chamado de criativo.* O conceito de relevância é muito mais aplicado à criatividade no dia a dia ou no campo profissional do que nas artes, que têm outro compromisso com a realidade. O funcionário criativo percebe que suas idéias são chamadas de devaneios e rejeitadas quando não se articulam com a realidade, isto é, quando não apresentam evidentes vantagens que compensem o risco que as mudanças sempre apresentam, em algum grau.

Uns nascem, outros se formam

Temos assim uma diferença notável entre o criativo compulsivo e o criativo circunstancial. Mas aquele, inato, quando consegue atingir um bom nível de exercício de seu potencial, acaba tendo a mesma postura que o circunstancial. A consciência dessas condições e de como as coisas funcionam em cada caso pessoal é importante para este último tipo, o dos que desejam exercer melhor sua criatividade. Tipo em que, a rigor, deve estar a maioria de vocês, leitores deste livro.

O desenvolvimento do comportamento criativo também se estabelece quando os estímulos circunstanciais são os de "necessidade de solução". Essa vertente é a mais comum que se encontra no campo profissional. O ambiente das empresas, cada vez mais mutante, traz constantes problemas de adaptação, o que também explica por que a criatividade está sendo cada vez mais valorizada nas organizações. As soluções são um "novo obrigatório", indispensável até para a sobrevivência no mercado. Fora dessa vertente mais comum, as condições de mudança também estimulam o uso da criatividade na "descoberta de oportunidades", que se constituem em uma especulação com o novo.

Dentro desse panorama, encontramos denominadores comuns no desenvolvimento da criatividade pessoal. Trabalhando com eles, por meio de diálogos com alunos e de pesquisa em áreas da Psicologia, cheguei a uma teoria de como pode funcionar o processo que nos leva a desenvolver o comportamento criativo. Essa teoria foi com o tempo ilustrada por uma metáfora, para uso em aulas, que estará no próximo capítulo. •

Ecos do Capítulo 2

(Especulando e comentando)

Universalidade?

Califórnia, adorável Califórnia, é o lugar onde há mais intelectuais alternativos do. que em qualquer outra parte do mundo. Só São Francisco tem mais de 300 publicações especulativas e/ou esotéricas..

Uma amostra da cultura da região é Itzac Bentov, autor lido e respeitado até nos meios acadêmicos americanos. Pois bem, seu livro (prefaciado por William Tiller, cientista da Universidade de Stanford), traduzido para o português, *A espreita do pêndulo cósmico*, que basicamente explora princípios universais de oscilação e sincronicidade, traz algumas teorias das quais me apodero e transformo em argumentação para defender a tese de a criatividade constituir-se em uma característica de nossa espécie.

Vejam só que interessante. Bentov, que não parte das diferenças entre seres vivos e a matéria em geral, montou um quadro com os níveis do que ele chama de consciência, definindo esta como a capacidade de resposta a estímulos, presentes até nos átomos (que se alteram com raios ultravioleta). De acordo com a teoria, há uma possibilidade de medir o nível de consciência, que é mínimo nos átomos, aumenta nos vírus, nos animais, e em grau maior atinge o que ele chama de faixa de nossa realidade comum. Ele não pára aí, definindo faixas em que o homem, desenvolvendo sua consciência, também pode situar-se: a realidade emocional, a mental, a intuitiva, e chega por fim aos níveis espirituais, com a idéia de uma consciência plena universal, que me parece ser sua idéia de Deus.

A escala de Bentov inspira-se na existência de uma percepção cada vez mais sutil e de uma resposta cada vez mais refinada. E chega então ao ponto em que vejo contida a defesa da criatividade como característica da espécie, com base na idéia do "livre-arbítrio". Vale a pena transcrever o trecho que trata disso:

COMENTÁRIOS

"...uma rocha conterà menos consciência que uma planta ou um cão. Isso deixa à rocha um menor grau de controle sobre o seu meio ambiente, um menor número de respostas possíveis e, em consequência, menos livre-arbítrio (se é que se pode falar em livre-arbítrio de uma rocha). Todavia, não nos esqueçamos de que nós, seres humanos, também usufruímos de um livre-arbítrio limitado. Seu grau, bem como nossa capacidade para controlar ou criar nosso próprio meio ambiente, serão tanto maiores quanto mais para cima nos movermos na escala da evolução."

Esse "movimento" na escala da evolução tanto pode ser uma simples mudança da visão do observador ao longo da escala, como a alteração advinda da dinâmica de nossa consciência indo em direção ao que ele chama de livre-arbítrio, já que em outros trechos do livro ele trata desse desenvolvimento. Contudo, o que Bentov chama de livre arbítrio, eu interpreto como algo mais do que só a liberdade de escolher, porque ele o coloca no contexto de respostas refinadas a estímulos sutis. Vê-se assim que não se trata só de liberdade de escolha, mas também de um desenvolvimento da capacidade de raciocinar mais complexamente e construtivamente. Para meu propósito, aí está o X da questão: animais e plantas interagem com o ambiente, processam estímulos, mas nenhum com essa característica peculiar ao ser humano. Daí minha defesa, com a ajuda de Bentov, de que essa qualidade, que pode ser tranqüilamente traduzida por criatividade, seja uma característica da espécie humana. E uma proposição digna de ser pensada, se não estiver desde logo aceita. Ela se insere em um painel de estudos da mente, que o crescente interesse pelo tema está fazendo surgir.

Estudos sobre o raciocínio do homem estão em pauta. Há abordagens multidisciplinares como a do Projeto Zero de Harvard, do qual o livro *Estruturas da mente* (de Howard Gardner), é um exemplo. Há interessantes abordagens comparativas "homem versus computador", das quais o livro *A mente nova do rei* (de R. Penrose) é um exemplo. Existem outras abordagens científicas que chegam até a neurologia, hoje já mapeando funções do cérebro, e aí o livro *Left brain, right brain* (de Springer e Deutsch) é exemplo. Há teorias novas sobre a mente, como a

COMENTÁRIOS

exposta no livro *The right brain* (de T. R. Blakeslee), que afirma ser o hemisfério cerebral direito nosso próprio inconsciente.

De posse de informações como essas, facilmente se chega ao princípio aqui chamado de "universalidade" da criatividade.

E a convicção não se estabelece somente através de um raciocínio lógico, apesar de resistir a sua análise; ela vem como uma dedução intuitiva. Aconteceu comigo e estou certo de que será fácil suceder com vocês. As verdades definitivas e a própria sabedoria, já dizia Buda, repousam na intuição, não na razão.

O clichê "Eu não sou uma pessoa criativa" é uma propaganda subversiva que deve ser ignorada em nossa conquista do maravilhoso país da criatividade.

Consideremos, portanto, o clichê "eu não sou uma pessoa criativa" como uma propaganda subversiva, a ser ignorada, em nossa conquista do maravilhoso país da criatividade. Todos já somos naturais dele. Explore-mo-lo, como donos.

Para finalizar, confesso que tudo isso aí acima não está muito coerente com o tom dos comentários dos outros capítulos, feitos mais com (e para) o lado direito do cérebro. Peço que vocês relevem esse fato, já que não encontrei local mais adequado a esses quase devaneios. Mas os considero muito úteis, no contexto geral. OK?

Definir criatividade? Exemplificar?

Durante muito tempo, usei nos inícios de cursos e *workshops* uma faixa de seis metros de pano, onde se lia: "A Imaginação é Mais Importante que o Conhecimento. Ass.: Albert Einstein." Estendida na parede, a frase produzia algum impacto, como eu queria, e passava a ser tema de discussão, que objetivava provocar, entre os participantes, uma reflexão sobre a importância da criatividade. Geralmente, eram pessoas muito condicionadas pelo respeito ao conhecimento científico, pelas normas e pela obediência ao pensamento lógico.

Dessa discussão partíamos para a definição de criatividade; eu apresentava uma, provisória, algo como "a competência

COMENTÁRIOS

de raciocinar construtivamente, pensando o novo/relevante". Contudo, o que eu realmente propunha é que cada pessoa, após a discussão anterior, formulasse sua própria definição, extraída da análise de exemplos da criatividade aplicada ao dia a dia, que ali eu apresentava, então.

Nunca foi fácil chegar a um nível alto de cooptação, pois a base era viciada. Para a grande maioria (principalmente entre nós, ocidentais), cartesianismo, mecanicismo, pragmatismo e o "dois e dois são quatro" agem como arquétipos culturais, para não dizer paradigmas, a serem obedecidos. O restante, e dentro deste o pensamento não lógico, cheira a especulação ou misticismo. O que não pode ser matematicamente provado passa para o lado do esotérico. Não duvidem: certa vez, ao comentar com um colega professor o livro para mim muito importante, "Diálogo Entre Cientistas e Sábios", que ele também havia lido, ouvi este tipo de conclusão: "O livro é interessante, Predeba, mas faz parte de uma moda recente que valoriza muito o pensamento não científico; parece que estamos numa Renascença às avessas."

Os participantes de meus cursos, com quem comentava a frase de Einstein, por outro lado, também não deixavam de apresentar certo respeito e interesse pela criatividade, até porque estavam inscritos no evento. Mas, como se constata na apreciação do público em geral, criatividade era para eles um campo reservado quase exclusivamente a artistas e a pessoas superdotadas.

Quanto perde a humanidade por não existir um consenso de que criatividade é uma característica natural da espécie humana e de que seu exercício é absolutamente cotidiano! Todos ganhariam muito mais estímulo e perderiam muitos bloqueios para o exercício de suas potencialidades. Bem, e ao se enfrentar o problema elementar de uma definição, o problema aparece. O que mais ocorre de imediato são afirmações como estas:

"Criatividade é coisa de gênios, como Einstein ou Da Vinci."

"Criatividade e loucura estão próximas."

"Criatividade é subproduto de uma neurose."

Ah! isso também passa por suas cabeças? Este livro vai tentar provar o contrário, estabelecendo um diálogo com a ra-

COMENTÁRIOS

ção de vocês. A tese da universalidade da criatividade não é nova, sequer corajosa. Mas sempre é discutível, e talvez assim o seja por uma questão de nomenclatura. Porque a grande maioria acha que a palavra *criatividade* não inclui as ações inovadoras do cotidiano, e só se lembra dos gênios criativos, frequentemente loucos como um Van Gogh ou neuróticos como poetas que se suicidam.

Bem, voltemos aos exemplos, que valem mais que argumentos. Os casos descritos pretendem defender o conceito de criatividade no dia a dia como uma forma interessante, mas absolutamente normal de ação, ao alcance de todos. Analisem um por um, verificando como eles são representativos, dentro do que cada um de nós está cansado de ver acontecer por aí.

Exemplo torto de raciocínio especulativo/inovador: o conto do vigário. O estelionatário nada mais é que um "criativo aéutico".

Só para brincar um pouco, acrescento aqui um exemplo desse tipo de raciocínio especulativo/construtivo/inovador: o conto do vigário. Querem coisa mais engenhosa? E o malandro vigarista está a rigor sendo nada mais que um "criativo aéutico".

É bom também trazer aqui mais um caso real de que tomei conhecimento, para que se pense em criatividade em nosso dia a dia.

Aqui vai: uma grande casa foi desocupada pelo banco que a alugava e o inquilino que chegou para montar ali um restaurante encontrou, no lugar em que ia instalar a copa, um antigo e pesadíssimo cofre. O banco, avisado, informou que era artigo fora de uso, doado a uma instituição de caridade. Esta, por sua vez, não tinha recursos para a caríssima remoção, renunciando ao bem. Solução criativa do inquilino: abrir, ao lado do cofre, um buraco no chão e aí enterrar o transtorno para sempre. Criatividade, aqui, para solucionar um problema trivial, mas enorme.

A esta altura, creio que será fácil ter na cabeça de cada um de nós uma definição própria de criatividade. Ela também pode nascer da reflexão sobre uma metáfora que uso em cursos: imaginem um balão tripulado, cujo vôo eficiente acontece pelo balanceamento entre o gás e o lastro. Se tivesse gás demais, ele se perderia. Com lastro excessivo não sairia do chão.

COMENTÁRIOS

Pois bem, na metáfora temos o exercício da criatividade como um voo de balão, no qual o gás seria a fantasia e o lastro sua tangência com a realidade (relevância).

Mas, seja qual for a definição adotada, deverá estar próxima de algo que trata da competência mental de raciocinar de forma diferente do computador, isto é, articulando o que não é previsto pela lógica com a própria lógica. Se não houver a articulação, não é criatividade, é só fantasia. Existindo a articulação, a idéia passa a ser relevante, e aí caracteriza-se a criatividade. Coisa de gente normal, que só se destaca da média pelo exercício desbloqueado de suas potencialidades.

Criatividade? Por quê? Para quê?

Minha experiência como professor de cursos de criatividade e monitor de *workshops* me leva às deduções que estão aí. O ângulo do assunto está focalizado racionalmente pelo lado esquerdo do cérebro. Vejam que aí eu afirmo, e o faço sinceramente, ser o comportamento criativo (aquele além da média) o produto de uma visão de vida, com um engajamento total.

Existe, porém, uma ressalva quanto a isso, e ainda bem que a mesma prática que me trouxe as referidas conclusões também me levou à descoberta de um ângulo restritivo da questão. Digo ainda bem, porque assim meu discurso fica menos radical, mais realista, e passa a abranger aspectos não lógicos que só nosso hemisfério direito ajuda a explorar.

O fato relatado a seguir originou-se em uma noite de 1992, na Faculdade Cáspier Libero, quando quase 300 estudantes assistiam a minha palestra sobre criatividade. Já contarei o que ocorreu, que me levou a um posicionamento interessante sobre o tema. Posicionamento que eu relato, depois de fazer aqui um "parêntese filosófico", à guisa de preâmbulo.

(Filosofando, afirmo que seria ótimo se, ao viajarmos, não esquecêssemos o destino. É comum as atividades da viagem ocuparem tanto o viajante que ele acaba considerando o trajeto como um objetivo em si e perde de vista o destino real. Viagem nada mais é que a ida de um lugar para o outro. Não é um passeio, onde estamos, aí sim, curtindo a movimentação. Verdade é

COMENTÁRIOS

que podemos fazer a viagem e passear, ao mesmo tempo, mas isso não é comum.

Essa consideração deságua em uma reflexão sobre o comportamento criativo, que pode ser considerado uma atividade parcial (algo como um trajeto) dentro de um todo maior que é o sentido de nossa vida (algo como um destino). Como o sentido da vida inclui sempre a felicidade, ela é mais importante que o comportamento criativo. Este deve ser almejado, portanto, à medida que trouxer felicidade.

Se a vocês ocorre de imediato que exercer a criatividade é gratificante em si e os faz feliz, está aí o caso da viagem a passeio. Mas esse exercício só deve ser cultivado se não for sofrido. Se ele se tornar uma obrigação difícil de ser cumprida, há algo errado. Porque aí, insistindo, vocês estariam esquecendo o verdadeiro destino de sua viagem, da viagem de suas vidas: ser feliz.)

Agora conto o que sucedeu na Cásper Libero. Os estudantes me ouviam defender as vantagens de saber desprezar normas, quando o mister é conseguir chegar a soluções criativas e inovadoras. Acho que fui até bem-sucedido, o que na hora deduzi pela pergunta de uma aluna, muito sincera, sobre sua dificuldade para sair fora do trilho das coisas certinhas. À medida que ela falava ia ficando mais veemente, e o auditório inteiro fez um silêncio de expectativa, primeiro para ouvir aquele depoimento, muito humano, e depois pela curiosidade de saber o que eu diria.

"Professor, tento, disse ela, com emoção. Deus sabe como faço força, mas não consigo. Eu já tinha consciência disso que o senhor fala, que querer tudo certinho não é bom, mas acho que nasci assim quadrada, e simplesmente fico me debatendo contra isso. Deve haver alguma coisa que eu possa fazer, pois até mesmo um guardanapo, dobrado de maneira errada, me incomoda. Eu preciso ver as coisas na ordem certa, senão sinto uma compulsão para corrigir. Isso tem remédio? Por favor, diga, o que eu faço?"

Senti uma responsabilidade muito grande, naquele momento. E, talvez, movido mais por respeito humano, minha mente fez um malabarismo para dar uma resposta honesta que fosse boa para ela e para aquele mundo de estudantes me olhando. Acho que por felicidade tive um *insight*.

COMENTÁRIOS

"Pare com isso", eu disse. "Olhe, minha cara, eu penso que nós viemos ao mundo para sermos felizes e não para sermos criativos. Em que pese eu ter dito aqui que a criatividade é sensacional, e nos faz maiores, e não há por que fugirmos de seus estímulos, pense que cada um de nós é uma pessoa, com um individualismo precioso, que devemos cultivar. A criatividade não é uma porta única para a realização pessoal, e daí para a felicidade. Se as práticas para exercer uma postura inovadora não estão de acordo com a parte mais profunda de sua personalidade, não há por que insistir. Vivendo tranqüila, procurando crescer a partir de seu jeito, você achará outras portas mais adequadas a sua natureza. Que não é pior nem melhor que a natureza dos outros, é simplesmente sua maneira. Não fique se cobrando ser menos adequada às normas, nem se envergonhe de o ser. Exerça sua individualidade, e isto, sim, pode ser uma chave, uma solução."

Raramente me senti tão realizado como naquele momento, com as palmas que minha resposta provocou. E, refletindo depois, vi que o estímulo da pergunta da aluna havia provocado uma instantânea mas delicada análise do assunto. E a conclusão, para mim, permanece muito válida, até hoje.*

Nossa verdadeira viagem é em direção à felicidade. Criatividade é só uma estrada. •

Nosso verdadeiro destino deve ter a direção da felicidade. Criatividade será só uma estrada.

^T A conclusão foi enriquecida, posteriormente, por meio do contato com a *Human Dynamics*, novo ramo da psicologia que explica nossas tendências pessoais. No apêndice, ao final deste livro, há algumas informações sobre *HD*.